

nas e se fazem por saltos, dum estado a outro; tais mutações não são contingentes mas necessárias; resultam da acumulação de modificações quantitativas insensíveis e graduais.

Eis porque o método dialéctico considera que o *processus* do desenvolvimento deve ser compreendido, não como um movimento circular, uma simples repetição do caminho percorrido, mas como um movimento progressivo, ascendente, como a passagem do estado qualitativo antigo a um novo estado qualitativo, com um desenvolvimento que vai do simples ao complexo, do inferior ao superior.

«A natureza é a pedra de toque da dialéctica e é preciso dizer que as ciências modernas da natureza forneceram para a sua prova materiais extremamente ricos e que aumentam dia a dia; provaram assim que a natureza, em última instância, procede dialécticamente e não metafisicamente, que não se move num círculo sempre idêntico, a repetir-se perpétuamente, mas conhece uma história real. A êste respeito, convém citar, em primeiro lugar, Darwin, que infligiu um rude golpe à concepção metafísica da natureza, demonstrando que todo o mundo orgânico, tal como hoje existe, as plantas, os animais, e, por conseguinte, também o homem, é o produto dum *processus* de desenvolvimento que dura há milhões de anos».

«Em física, toda a mutação é uma passagem da quantidade à qualidade, o efeito da mutação quantitativa da quantidade de movimento, de qualquer forma inerente ao corpo ou comunicada a êle. Assim a temperatura da água é primeiro indiferente ao seu estado líquido; mas, se se lhe aumentar ou diminuir a temperatura, chega um momento em que o seu estado de coesão se modifica e a água se transforma, num caso, em vapor, e no outro, em gelo...»

É assim que uma corrente de certa força é necessária para que um fio de platina se torne luminoso; é assim que todos os metais têm a sua temperatura de fusão; é assim que todos os líquidos, sob uma dada pressão, têm o seu ponto determinado de congelação e ebulição, na medida em que os nossos meios nos permitem obter as temperaturas necessárias; finalmente é assim que há para cada gaz um ponto crí-

tico em que poderemos transformá-lo em líquido, em condições determinadas de pressão e arrefecimento. As *constantes*, como se diz em física (1), não são, as mais das vezes, senão pontos nodais em que a adição ou subtracção de movimento (mutação quantitativa) provoca uma mutação qualitativa num corpo; em que, por conseguinte, a quantidade se transforma em qualidade».

E a respeito da química, «pode dizer-se que ela é a ciência das mutações qualitativas dos corpos devidas a mutações quantitativas. O próprio Hegel o sabia já... Tomemos o oxigénio: se se reúnem, numa molécula, três átomos, em vez de dois, como vulgarmente sucede, obtém-se um corpo novo, o ozono, que se distingue nitidamente do oxigénio ordinário pelo seu odor e pelas suas reacções.

E que dizer das diferentes combinações do oxigénio com o azote ou com o enxôfre, cada uma das quais fornece um corpo qualitativamente diferente de todos os outros!».

D) Ao contrário da metafísica, a dialéctica parte da concepção de que os objectos e os fenómenos da natureza implicam contradições internas, porque todos têm um lado negativo e um lado positivo, um passado e um futuro, todos têm elementos que desaparecem ou que se desenvolvem; a luta destes contrários, a luta entre o antigo e o novo, entre o que morre e o que nasce, entre aquilo que enfraquece e o que se desenvolve, é o conteúdo interno do *processus* de desenvolvimento, da conversão das mutações quantitativas em mutações qualitativas.

Eis porque o método dialéctico considera que o *processus* de desenvolvimento do inferior para o superior não se efectua no plano duma evolução harmoniosa dos fenómenos, mas no duma exposição à luz do dia das contradições inerentes aos objectos, aos fenómenos; no plano duma «luta» das tendências contrárias que agem sôbre a base destas contradições.

«A dialéctica, no justo sentido da palavra, é o estudo das contradições na própria essência das coisas».

Estes são, em resumo, os traços fundamentais do método dialéctico.

(1) Pontos de passagem de um estado a outro